



Empatia e argumentação patêmica em vlogs de ciência contra o negacionismo pandêmico

Marcos Filipe Zandonai

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

orcid.org/0000-0001-7731-8533

Investiga-se o discurso de youtubers que buscaram combater teses anticiência sobre a covid-19. Especificamente, objetiva-se compreender de que maneira os efeitos patêmicos em ocorrências de empatia, do dialogismo interno desses webvídeos, orientam para a credibilização da ciência. Parte-se do funcionamento enunciativo interno como base interpretativa para a exploração da argumentação pelo sensível (Rabatel, 2016; Pinto; Cortez, 2017). O *corpus* é composto por amostras de dois vídeos científicos vinculados a um movimento *online* de combate ao negacionismo. Esses *vlogs* foram transcritos de forma a se valorizar também a prosódia enquanto atitude modal. Além disso, foram feitas segmentações macroestruturais da transcrição, para ampliar a 'cotextualização' das ocorrências. Os resultados explicitam as atitudes patêmicas favoráveis ao enunciador negacionista (prefigurado na interação). Para fazer-crer em favor da ciência, o comunicador empatiza, por exemplo, com a dor e com a esperança desse outro, o que indicia posicionalidades dóxicas e contratuais da exterioridade discursiva.

Palavras-chave: Divulgação científica. Ponto de vista. Empatia. Patemização.

Empatía y argumentación patémica en videoblogs de ciencia contra el negacionismo pandémico

Se investiga el discurso de youtubers que buscaron derrotar tesis anticiencia sobre el covid-19. Especialmente, se pretende entender de qué manera los efectos patémicos en casos de empatía, del dialogismo interno de estos webvideos, orientan para la credibilidad de la ciencia. Se parte del funcionamiento enunciativo interno como base interpretativa para la explotación de la argumentación patémica (Rabatel, 2016; Pinto; Cortez, 2017). El *corpus* está compuesto por muestras de dos vídeos científicos vinculados a un movimiento *online* de combate al negacionismo. Estos videoblogs han sido transcritos para aprovechar también la prosodia como actitud modal. Además, se hicieron segmentaciones macroestructurales de la transcripción, para ampliar la 'cotextualización' de las ocurrencias. Los hallazgos explicitan las actitudes patémicas favorables al enunciador negacionista (presunto en la interacción). Para hacer creer a favor de la ciencia, el comunicador empatiza, por ejemplo, con el dolor y la esperanza de ese otro, lo que indica posicionamientos dóxicos y contractuales de la exterioridad discursiva.

Palabras clave: Divulgación científica. Punto de vista. Empatía. Patemización.

Empathy and appeal to pathos in science vlogs against pandemic denialism

This study investigates the discourse of YouTubers who sought to counter anti-science claims about covid-19. Specifically, it aims to understand how pathemic effects in statements of empathy, within the internal dialogism of these videos, contribute to the legitimization of science. The analysis is grounded in the internal enunciative functioning as an interpretive basis for exploring pathos-driven argumentation (Rabatel, 2016; Pinto; Cortez, 2017). The *corpus* consists of samples from two scientific videos from an online movement against denialism. These vlogs were transcribed in a way that also foregrounds prosody as a modal stance. In addition, macrostructural segmentations of the transcription were carried out to ensure the 'cotextualization' of occurrences. The findings make explicit pathemic attitudes operating in favor of the denialist enunciator (presumed by the communicator). In order to make-belief (a speech aim) in favor of science, the communicator empathizes, for example, with the pain and hope 'felt' by the denier, which suggests certain doxic and contractual positionalities within discursive exteriority.

Keywords: Scientific publicizing. Point of view. Empathy. Patemization.

Introdução

A desinformação científica, nas mídias digitais, sobre questões da pandemia de covid-19, agravou o problema sanitário, redundando, por exemplo, em redução nas taxas de vacinação infantil (Ribeiro, 2024), excedente de mortes (Alcântara *et al.*, 2021) e hostilização a cientistas (Cardoso, 2021). Nessa conjuntura, a ciência se viu compelida a contra-argumentar. Para tanto, muitos divulgadores científicos, nessas mídias¹, transacionaram inclusive com o presumível medo – emoção em destaque na época –, como algo sentido pelo público-alvo, e defronte um *logos* da ciência de embaraçada penetração (Ribeiro, 2024). Com esse painel, é de se pensar que o *pathos* foi discursivizado estrategicamente; por exemplo, a indignação frente ao negacionismo². Nisto consiste minha exposição: examinar estratégias de patemização de youtubers da ciência em seus vídeos, como forma de tentarem vencer a opinião negacionista.

Antes de equacionar melhor esse objetivo, cabe contextualizar, em linhas gerais, quem são esses youtubers, que materialidade discursiva é esta. Debruço-me aqui sobre recortes de fala de dois vídeos publicados no YouTube (maiores detalhes na seção 2, *Metodologia*). Ambos pertencem ao Science Vlogs Brasil (sigla SVBr), uma comunidade de divulgação científica, no YouTube, que se propõe como um selo de qualidade na cobertura de ciência, agregando canais norteados pelo recurso a fontes confiáveis e pelo rigor de sua curadoria (Velho, 2019). Esse *hub* justifica o seu trabalho e método assim:

Em um ambiente onde a desinformação e a pseudociência vicejam e se fortalecem alimentados por fartas desonestidade e ignorância, é importante que se provenha uma forma de facilitar que o público possa separar o joio do trigo. Torna-se urgente identificar quem divulga ciência com seriedade! (Ayrolla, 2016, *online*).

Com isso, interessei-me em verificar os procedimentos dessa ‘luta’ discursiva sobre a covid-19. Os vídeos com *frame* científico, na pandemia, entrosaram-se à visibilidade repentina da ciência, mas também vivenciaram o conflito, haja vista a

¹ Concentro a atenção no trabalho de comunicadores atuantes na plataforma digital YouTube, ainda que a comunicação de riscos tenha sido realizada também por órgãos midiáticos mais ‘tradicionais’. Portanto, essa caracterização *no digital* serve como fundamento do que foi privilegiado como *corpus*.

² A indignação é uma das emoções que constatei no *corpus* de vídeos analisados em minha tese de doutorado (Zandonai, 2025), que dá origem a este artigo. Deveras, a tragédia pandêmica deveu-se não apenas aos desafios técnico-científicos de enfrentamento do patógeno, mas também ao pânico, pelas incertezas quanto às formas de prevenção e tratamentos, somado às questões sociais e econômicas. Por isso, medo é um lexema recorrente, tornando-se uma emoção central, como caracterização desse período: o medo das pessoas de perder o emprego, o medo da morte de amigos e familiares, e da distância de pessoas queridas (Ribeiro, 2024).

influência da politização, do assédio virtual, das retaliações e da partidarização (Brotas; Costa; Massarani, 2021; Veiga, 2020). Um exemplo é a polêmica com Atila Iamarino a respeito da sua previsão de que o vírus mataria 1 milhão de pessoas no Brasil (Alcântara *et al.*, 2021).

Massarani, Costa, Brotas (2020), analisando esse debate público, demonstraram o grande alcance do *frame* científico, um engajamento que se deu, porém, porque perfis do entretenimento juntaram-se à causa da divulgação científica ‘séria’. Com esse painel, parece-me que a curadoria de divulgação científica (doravante DC) inclina-se a ultrapassar o ‘*logos*’ ou as ‘evidências’³ como único plano da eficácia argumentativa. A ciência atravessou as bolhas digitais e o ódio (Cardoso, 2021), passando a sintonizar-se com um auditório que lhe era reticente⁴. Se os sujeitos comunicantes disputam sentidos em um processo embreado pelo conflito, podemos conjecturar que, na atenção dirigida a esse interlocutor antiorientado, aparece uma certa textualização **patêmica**. Dessa forma, meu objetivo é analisar esse *corpus* de webvídeos quanto ao funcionamento das visadas patêmicas nos enunciados em que o youtuber assume uma posição empática⁵ diante de seu oponente no dialogismo interno. As hipóteses trabalhadas são de que: (i) as emoções suscitadas na empatia enunciativa (quando há concessões ao adversário) operam em favor de uma credibilização da ciência; e (ii) essa patemização é sintoma de cálculos do youtuber sobre uma certa comunicabilidade no dialogismo externo.

A partir do objetivo delineado, a primeira seção do artigo (a contar do próximo parágrafo) é dedicada ao aporte teórico, cuja principal sustentação é a teoria do ponto de vista (Rabatel, 2016), a qual é articulada a uma Análise do Discurso Integrada que se ocupa dos efeitos persuasivos a partir da enunciatividade interna (Emediato, 2022). Em seguida, a seção 2 caracteriza os dois vídeos sob escrutínio, elucida critérios para achegamento aos recortes de enunciados e explicita as etapas de análise. Em prosseguimento, é nas seções 3 e 4 que se efetiva a análise propriamente; cada uma delas dedicada a um vlog. Por fim, nas *Conclusões e considerações finais*, procuro

³ Quanto à tipografia, utilizarei, neste artigo, o *itálico*, sozinho, em duas situações: em ênfases mais brandas que as marcadas no **negrito** e nos vocábulos estrangeiros. Pelo fato de palavras estrangeiras (e, portanto, *itálicos*) estarem em pujança neste artigo, reservei o uso de aspas simples para grafar termos aproximados ao que se quer dizer, como uma neologia. Já o **negrito** é reservado para os destaques máximos. Por fim, adoto as aspas simples *simultaneamente ao itálico* quando o enunciado for uma paráfrase de um enunciado do *corpus*.

⁴ Pelo menos é o que parece, considerando os achados que eu pretendo socializar neste artigo.

⁵ Com efeito, na minha lida com o *corpus* de vídeos, na Tese, constateei ocorrências agrupáveis em certas unidades de significação, como o *PDV-muralha* e a *assertividade da ciência*, não apenas a *empatia* e as questões de *compaixão*; mas estas duas são o recorte neste artigo. A noção de empatia será explicada na seção 1.

sistematizar os achados sobre a patemização, e ensaio brevemente uma explicação de como esse projeto de dizer está a serviço de um modo contingente de credibilização frente ao negacionismo.

1 Referencial teórico

Em seu pronunciamento, o youtuber distribui conteúdos que atribui a diferentes vozes (pontos de vista, PDVs), determinando-se em relação a eles. Mas o que é PDV? Sigla de *ponto de vista*, consiste nos modos semióticos pelos quais um objeto de discurso (um *dictum*, um conteúdo) é apreendido por um sujeito (singular ou coletivo), que é o ‘espaço’ do *modus*, sendo esse enquadramento logo afetado por uma *representação* (Rabatel, 2016). Os PDVs são sempre imputados ou assumidos. A imputação é a situação de objetos de discurso apreendidos por uma fonte segunda (e2), alvo de uma representação do locutor principal, gestor dos PDVs (Rabatel, 2009). Já a assunção equivale à responsabilidade enunciativa (sigla RE), que é o narrador tomando para si o objeto, em uma asserção de engajamento (Rabatel, 2009).

Isso só é possível na disjunção teórica entre locutor e enunciador. O *locutor* é a entidade que procuramos no texto como sendo a que estaria se engajando em (ou assimilando-se a) um PDV, enquanto o PDV representa o *enunciador*, isto é, as atitudes, os atos ilocutórios (Rabatel, 2013a). Por conseguinte, a grade das instâncias enunciativas do *corpus* resolve-se da seguinte maneira. L1/E1 se refere ao sujeito que gere os PDVs mobilizados no vídeo, sendo o youtuber e a sua posição E1 (tida como *pró-ciência*). Os caracteres maiúsculos apontam o grau alto de encarnação, pois esse ‘L’ *toma para si* o ‘E1’, por julgá-lo verdadeiro (Rabatel, 2013a; Rabatel, 2016). A outra subjetividade é o e2, fonte perceptiva retomada por L1/E1 como *externa* (Rabatel, 2013a). Pode se perspectivar e2 também no modo do sincretismo (‘l2/e2’, por exemplo), como ocorre em citações. Ou seja, a alteridade segunda se esparge além do nível da asserção, das falas (Rabatel, 2016). As letras são minúsculas porque e2 é calculado a partir das coordenadas do L1 (Rabatel, 2013a). No nosso *corpus*, a ‘voz’ e2 se refere aos dizeres negacionistas. Formulei, ainda, o desdobramento ‘e2.esp.’, que é a referência ao e2 como *espectador presumido* (para além do delocutado), haja vista a complexidade da saturação semântica das instâncias.

Em face de uma imputação, L1/E1 não se desresponsabiliza do conteúdo necessariamente, visto que a imputação pode lhe ser proveitosa, por meio de relações mais ou menos co-orientadas ou anti-orientadas (Emediato, 2022). As

posturas enunciativas é que alocam os enunciadores em relações dissimétricas. Assim, temos, para além do dissenso (a discordância discordante), a coenunciação, que é “a coprodução de um PDV comum e compartilhado por dois locutores/enunciadores” (Rabatel, 2013b, p. 174), embora, *a posteriori*, a interação revele a desigualdade na relação que era de dois seres em aparente convergência (Rabatel, 2013b). Ademais, temos a subenunciação, que é quando o locutor/enunciador se vale de um heteroPDV, mas com reservas (Rabatel, 2013b). É como se o locutor não encontrasse palavras mais adequadas para assumir e sustentar o PDV. Já na postura de sobre-enunciação, o locutor reformula, diz mais do que o PDV evocado, dominando-o (Rabatel, 2013b).

Essa hierarquização faz com que a construção dos PDVs forneça bases para a **análise das emoções como recursos argumentativos** (Pinto; Cortez, 2017). Isso se dá na medida em que L1/E1, ao organizar as instâncias, inserir nelas modalização, ou *prise en charge* (PEC) de força ilocutória, para além da *prise en charge* (PEC) sem ou com baixa força ilocutória (Rabatel, 2009). Isso se deve ao postulado (Rabatel, 2009; 2013a) de que, para além do PDV com PEC sem força ilocutória, do tipo [EU – DIGO], existe a PEC mais engajada, cuja fórmula é [EU DIGO (QUE É VERDADE)], conforme as pistas do cotexto, onde se exploram pragmaticamente as imputações. Por conseguinte, o L1/E1, assim como os outros seres intradiscursivos, pode remodelar-se ao longo do texto (dessincronizar-se com PDVs, empatizar etc.). As posições são julgadas, a partir das instruções de sentido da cenografia interna de PDVs, visto que L1/E1 reorganiza as visadas deles (Rabatel, 2013a).

Com essa labilidade, a relação intraenunciadores não precisa se esgotar na polémica (dissenso). É também plausível “uma relação heterodialógica positiva” [– para além da antagonística –], ou seja, um tipo de relação em que se permite conhecer o outro, colocar-se em seu lugar e se enriquecer com a diferença” (Emediato, 2023a, p. 32, acréscimo meu). Esse é o modo da **empatia**, que, para Rabatel (2017, p. 300 apud Duarte 2020, p. 110), “[d]e uma perspectiva enunciativa, consiste em pôr-se no lugar de um outro (interlocutor ou terceira pessoa), um locutor que empresta a sua voz a um outro, para encarar um acontecimento, uma situação do ponto de vista do outro”. O locutor, instância empatizadora, passa a orbitar objetos e situações segundo filtros perceptivos que *beneficiam* uma alteridade, a instância empatizada (Rabatel, 2013c).

Na mobilidade empática, L1/E1 semiotiza mediatamente **emoções** que são heteroatribuídas, perpendicularmente à sensação ‘própria’, que são as emoções

autoatribuídas (Rabatel, 2013c). “Assim, uma fonte não locutora é lugar de emoção, quer dizer, mesmo que um enunciador segundo (e2) não fale, ele tem sua emoção representada, interpretada por L1/E1” (Pinto; Cortez, 2017, p. 55). A dinâmica tem alcance argumentativo, já que a evocação das emoções alheias é configurada de modo a levar o leitor a agir (Duarte, 2020). É que esse interesse pelo outro pode levar o produtor textual a melhor enquadrar o PDV próprio ou o ‘a se assumir’, além de que toda heteroemoção é alvo de interpretação (Rabatel, 2013c). Esse funcionamento empático-afetivo da argumentação foi bem constatado por Silva (2022), que se concentrou em um tribunal de júri e no modo como advogados de defesa buscaram fazer com que o jurado se colocasse no lugar do réu. Em um dos casos, o advogado criminalista expõe ações ‘inocentes’ (portanto, ‘compreensíveis’) que teriam sido adotadas pelo réu, narrando que este estava em uma situação *delicada* ao infringir contra a vítima, recursos para acionar a compaixão no auditório (Silva, 2022).

Este artigo é balizado pela Análise Semiolinguística Integrada, que permite observar como o Modo de Organização Enunciativo se correlaciona com outros Modos de Organização para produzir sentidos (Emediato, 2022). Dessa forma, no tratamento específico das **emoções**, fundamento-me em Charaudeau (2007). Para o autor (2007), a emoção é a realidade do desejo, universo do afetivo, mas se desdobra em grandeza de ordem intencional, pois os locutores apresentam a emoção em função de um certo projeto de fala. Assim, coadunando com o entendimento da vertente retórico-discursiva de que a emoção é uma disposição do auditório (Amossy, 2020), Charaudeau (2007, p. 242) encara a emoção como uma visada acional desencadeada pelo desejo (pelos possíveis da experiência), de forma que “persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o predispõe a partilhar o ponto de vista do orador”. Por isso, o linguista (2010) concebe as emoções como efeito *visado* ou *possível*, em expressões elocutivas ou alocutivas, não como sensações experimentadas.

Além disso, o linguista postula (em primeira pessoa) a seguinte grade de unidades analíticas, que é aqui aproveitada:

Proporei quatro grandes tópicos, cada um duplamente polarizado (em afeto, negativo ou positivo, visto que a patemia não é somente o sofrimento), e os nomearei por meio de termos que não têm senão um valor emblemático: a tópica da “dor” e seu oposto, a “alegria”; a tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; a tópica da “antipatia” e o seu oposto, a “simpatia”; a tópica da “repulsa” e seu oposto, a “atração” (Charaudeau, 2010, *online*).

Convém assinalar que uma explicação adequada das emoções leva em conta as circunstâncias comunicativas, visto que nem todos os gêneros se comportam da mesma forma quanto às liberdades e restrições ligadas ao *pathos* (Charaudeau, 2010). O ponto é: em que medida o patêmico liga-se às condições de credibilidade, legitimidade e captação de um dado contrato de comunicação. Essa visada analítica mais ‘explicativa’ será desenvolvida na seção de *Conclusões*, onde relaciono brevemente os estados empáticos com as condições da DC no YouTube a propósito da pandemia, em um remate com parâmetros sociocomunicacionais, como aqueles invocados na Introdução deste artigo. Desse contrato de comunicação da DC, vale destacar o funcionamento algorítmico (bolhas) e a imposição do maquinário da hiperpolarização (Velho, 2019). Ademais, o forte papel do entretenimento (Massarani, Costa, Brotas, 2020) e o enfraquecimento dos peritos (Cesarino, 2021) faz os divulgadores/*influencers* enfatizarem despojamento e relações afetivas (como o *ethos* de bom amigo, o sentimentalismo de convivência e a ênfase no humor), o que são idiosincrasias do gênero vlog de DC especializado em contradiscurso (Baur, 2021).

Outro ponto de grande importância para a análise, devido à natureza plurissemiótica do objeto, é a prosódia indicativa de emoções. Por isso, recorro, na seção 3, a uma pragmática da entonação (Bodolay, 2009), que não será resenhada aqui em toda a sua substância de contributos, mas merece ser creditada, por desenvolver uma correlação entre parâmetros prosódicos e atitudes modais, possibilitando que o analista ‘comprove’, por assim dizer, a orientação modalizadora (por exemplo, cortesia e descortesia) a partir de uma discretização adequada do comportamento entonacional do enunciado (traços como ritmo e tessitura).

Feitos os esclarecimentos sobre o aporte teórico, passemos à Metodologia.

2 Metodologia

O corpus são dois vídeos, de dois canais do YouTube (e, especificamente, do SVBr): Nunca vi 1 cientista (NV1C) e canal do Slow. No vlog de NV1C, a divulgadora Laura de Freitas⁶ ataca as supostas ‘evidências’ em favor do uso de ivermectina para tratamento da covid-19 (Freitas, 2020). Já o vlog do Slow, intitulado *O Movimento antivacina no Brasil!!! – Canal do Slow 143*, objetiva fazer-crer a irrazoabilidade do

⁶ O vídeo desse canal intitula-se *Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica*, sendo apresentado pela farmacêutica Laura Marise de Freitas. O canal conta também com a bióloga Ana Bonassa, mas a pandemia fez com que as duas vlogueiras não aparecessem juntas, devido ao isolamento social.

movimento antivacina (Slow, 2023). Trata-se, então, de vídeos que exploram duas frentes temáticas – o tratamento precoce e a hesitação vacinal – vinculadas ao tema sensível da pandemia de covid-19, devido à minha preocupação em caracterizar como a ciência responde a contestações epistêmicas, o que permite acessar as formas dessa retorsão *para além* de temáticas específicas, enquanto painel da ‘voz da ciência’ no contexto pandêmico. Outros critérios de seleção do *corpus* – dentre os tantos perfis de DC atrelados ao SVBr – foram, por exemplo, canais com estilos comunicacionais diferentes entre si e *vlogs* de no máximo 15 minutos.

Transcrevi os vídeos conforme as convenções de Jefferson (1984), para uma valorização adequada da prosódia. Os trechos⁷ transcritos correspondem aos excertos de 1 a 5 apresentados em formato de Quadros na análise, dentro dos quais se localizam os Amostras sob análise, que são as ocorrências de empatia enunciativa realmente sob escrutínio. Como identificação, esses enunciados sob análise recebem a nomeação abreviada #1, #2 etc. (Amostra 1, Amostra 2 etc.), de maneira a simplificar a referência às ocorrências. Segmentei as sequências de texto (os trechos englobantes) numericamente, na configuração de linhas, para facilitar a referência às ocorrências.

Apesar de os enunciados *in loco* estarem contextualizados por mim na análise, é mister esclarecer que, na preparação do videotexto transcrito, eu o segmentei e etiquetei as suas partes, representando a sua macroestrutura retórica. O resultado é tomar o vídeo como uma sequência de ‘estágios retóricos’ delimitados por tempos, como “09 min 01 s a 10 min”, atribuindo a esses ‘blocos’ as partes do sistema retórico aristotélico, valendo-me de Reboul (2004). Para ilustrar isso, focalizando o vídeo de NV1C (e, em especial, o caso da amostra 1, página 9), a comunicadora desenvolve uma longa seção autointitulada *Artigo científico*, mas, dentro disso, a proposição executada especificamente entre os tempos 3 m 10 s e 4 m 3 s pode ser interpretada como uma Confirmação, pois é a ocasião em que Laura *refuta* um artigo científico (por isso o título) considerado problemático. Essas etiquetagens, como “Confirmação nº 1” e “Confirmação nº 2”, facilitam o acompanhamento do raciocínio do youtuber, pelo cotejo entre as marcas languageiras e o seu lugar na progressão textual.

Ainda na preparação da análise, a sequência de procedimentos foi: (i) resumo de cada parte do vídeo (estágios retóricos), com os respectivos tempos; (ii)

⁷ Não apresentarei o produto transcrito na íntegra, mas, sim, focarei trechos referentes aos ‘momentos de empatia’.

identificação do fim discursivo e dos entimemas, estes traduzidos em termos de A1 (asserção de chegada), A2 (conclusão) e A3 (asserção de passagem), conforme a teoria de Charaudeau (2009); e, finalmente (iii), a análise dos pontos de vista. Nessa etapa, o que focalizo são as posturas enunciativas que possibilitam os enunciados de empatia enunciativa (que geram uma determinada relação entre os PDVs dialogizados), para, com essa descrição, explorar a patemização.

Para começar, então, exibio, na próxima seção, os resultados da análise do vlog do perfil *Nunca vi 1 cientista*.

3 A questão da ivermectina, pelo canal Nunca Vi 1 cientista

O vídeo *Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica* tem como fins discursivos fazer-crer que não há evidências para a ingestão de ivermectina para o tratamento da covid-19 e explicar (e instruir) como combater evidências anedóticas.

A primeira ocorrência (Amostra 1, na transcrição exibida adiante) requer uma contextualização. No momento correspondente à #1, Laura explica o problema da visão negacionista de aceitação de um único estudo pró-ivermectina como demonstração definitiva de que a ivermectina é funcional para o tratamento humano de covid-19. Ocorre que, antes da #1, ou seja, antes de 3 m 10 s (no trecho que destacamos a seguir), a comunicadora já havia comentado a longínqua viabilidade de a ivermectina ter seu uso estendido à covid-19 – pois esse fármaco combate vermes e parasitas, não vírus –, via reposicionamento de fármaco. Esse estudo, todavia, não representou consenso⁸ a favor da ivermectina para o SARS-CoV-2, pesquisa referida como “um único estudo científico” na #1⁹, sendo ela o ‘precedente’ usado na argumentação dos negacionistas (o PDV¹⁰). Enfim, é essa voz do estudo único que Laura irá atacar.

⁸ O consenso científico consiste, segundo a própria locutora, àqueles conhecimentos científicos mais confiáveis disponíveis sobre um tópico, devido ao alto grau de evidências que lhes dão suporte (Freitas, 2020).

⁹ Trata-se do artigo “Utilidade da ivermectina na doença COVID-19” (Patel et al., 2020a, tradução nossa), que é uma publicação *pré-print* de pesquisadores de instituições estadunidenses. Esse estudo é apresentado na Descrição da postagem do vídeo, uma contextualização aos espectadores. Os *links* e documentos disponibilizados indicam, aliás, que o artigo foi alvo de retratação, isto é, foi invalidado após posteriores revisões (Patel et al., 2020b). Isso se explica pelo fato de os testes com esse medicamento serem *in vitro* (com células) e no máximo pré-clínicos (com bichos não humanos) (Nassif, 2022).

¹⁰ Apenas para economizar e simplificar nas formas de remissão dos PDVs em confronto, utilizarei estes códigos de abreviação: PDV1 (é o PDV de L1/E1) e PDV2 (é o PDV do anti-fadador).

Quadro 1 – Transcrição de um excerto que contextualiza a Amostra 1

	2 m 16 s a 3 m 9 s	finalização da seção <i>Como surgiu a ivermectina</i> (bloco 6)
21	A empolgação sobre o <possível> ((dedos para cima em “possível”)) efeito da	
22	ivermectina sobre o vírus SARS-CoV-2 começou com um ((“um” com o dedo, olhos	
23	arregalados)) estudo feito em <u>células</u> no laboratório. O estudo mostrava que, <em	
24	<u>células</u> >, a ivermectina impedia o vírus de causar infecção, porque, de alguma forma,	
25	ela impedia o vírus de entrar na célula.	
26	Mas isso só acontecia em uma dose <muito ((ênfase com as mãos)) maior do> que	
27	permitida nos comprimidos pra humanos. Ou seja, era uma dose (.) tóxica	
28	((expressão “dose tóxica” na tela)), que pode, inclusive, matar a pessoa que tomar.	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Freitas (2020).

Nesse trecho que se finda em 3 m 9 s (antes da nossa Amostra 1) de vídeo, Laura reconhece o reposicionamento de fármaco. Todavia, o reposicionamento torna-se problemático porque o teste sugere que o antiparasitário mataria não só o vírus, como também o ser humano. Portanto, a asserção de partida (A1) *estudo unitário*, que, no PDV2, leva à conclusão (A2) da *confiança na ivermectina*, é combatida por Laura. Isso já nos permite compreender a #1, a seguir.

Quadro 2 – Transcrição do excerto onde se encontra a Amostra 1

	3 m 10 s a 3 m 21 s.	começa seção <i>artigo científico</i> (bloco 1)
1	Um <u>Ú:::nico</u> , um <u>Ú:::nico</u> ((“único” em letras grandes na tela)) artigo científico, ele <u>não</u>	
2	serve pra afirmar ou desafirmar coisas, tá? Sabe aquela história de que uma andorinha	
3	sozinha não faz verão? Então (.), com o artigo científico é a mesma coisa.	

	3 m 22 s a 4 m 3 s	(bloco 2)
4	<Um estudo sozinho> ((arregala os olhos)), ele vai funcionar pra <apontar> ((sinal de	
5	direção com as mãos)) uma direção de como conduzir os próximos estudos.	
6	Então, no caso, esse estudo em células com a ivermectina, ele aponta:::va que outras	
7	análises precisavam ser feitas tanto pra <confirmar> se o resultado era realmente	
8	verdadeiro< ---- porque lembrando que o consenso científico ele só vem depois que	
9	vá:::rios pesquisadores <u>independentes, no mundo todo</u> , confirmam o mesmo	
10	resultado ---- é, e depois a gente teria que ver se as doses que <u>não</u> são tóxicas para o	
11	ser humano conseguiriam impedir a infecção pelo SARS-CoV-2.	
12	<u>Se</u> fosse demonstrado que <u>sim</u> que tudo isso que eu falei é verdade, aí sim a gente	
13	poderia usar esse medicamento <u>com segurança</u> ((arregalar de olhos no “com”)).	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Freitas (2020).

Como se pode observar, Laura dá novo ‘fôlego’ ao combate do PDV2, amparada na noção de consenso científico (e1). No caso, as evidências eram mais robustas contra o emprego de ivermectina para covid. O estudo com células (A1 de e2) é insuficiente, embora traga viabilidades (segmento 5). A postura enunciativa de

discordância discordante, de dissenso, por parte de L1/E1, é o que prepondera nessa locução da #1, nos blocos 1 e 2. Uma das marcas é a negação polêmica no primeiro bloco, recusando-se o PDV2, ali mobilizado como implícito antitético. Mas a *mise en scène* muda no segmento informacional 12.

Nesse momento, é realizada uma concessão ao oponente, e2. Para ilustrar que a ivermectina só deve ser aceita depois de árduo processo de pesquisa, Laura adiciona, nas linhas 12 e 13, um enunciado contrafactual, como quem dissesse: ‘*está bem, o ser humano poderá usar ivermectina, se ficar evidente, para todos, a confirmação desse estudo preliminar*’. Dessa forma, L1/E1 coloca-se no lugar do e2 esperançoso, um enquadre empático, pois a locutora (i) retoma a esperança no estudo unitário, após toda uma progressão textual divergente ao estudo e, com isso, (ii) mitiga a anulação da validade do PDV2, como quem compensasse o prejuízo que a verdade científica estaria causando a e2.esp.

Esse descentramento é comprovado, na materialidade languageira, pelo emprego do pronome “a gente” (final do segmento 12), marcando que a perspectiva sobre o tema-problema não se apoia mais na modalidade delocutiva, que era asseverativa (“depois que *vários pesquisadores independentes confirmam* o mesmo resultado”, “*esse estudo em células com a ivermectina apontava [...]*” etc.). Agora, a questão é apreendida por um *nós/a gente*, o que atesta a concordância parcial de L1/E1 para com e2. Isso possibilita o retorno ao ‘*sim à ivermectina*’.

Convém ponderar, todavia, que L1/E1 não está afiançando o uso da ivermectina “com segurança”, pela ancoragem ao cotexto; L1/E1 não *prend en charge* o PDV. Na verdade, ela o *prend en compte* no regime do acordo, pois, em não se engajando totalmente no conteúdo, o contrafactual recebe, sim, algum grau de engajamento por parte de L1/E1 (um grau mediano), congruente à diminuição da objeção frente ao fármaco. Ou seja, não há aí uma ‘*prise en compte* em maior grau’, pois isso seria *prise en charge* (assunção), mas também não está ocorrendo tão-somente uma PEC de responsabilidade limitada (imputação). Há um grau intermediário de responsabilidade pelo PDV imputado, em aprovando-o parcialmente, e a consequência disso é a empatia.

Isso significa que Laura diminui a assimetria: a relação dialógica com e2 é de subenunciação (discordância no acordo), pois L1/E1 toma com reservas o PDV2. Isso reforça o caráter empático, pois, nesse caso, subenunciar é uma escolha, não uma imposição sobre L1/E1 (a subenunciadora). Como diz Rabatel (2004, p. 11, grifo nosso),

“o subenunciador pode exprimir um ponto de vista dominado em reverência a uma autoridade por *educação/polidez, respeito, admiração* ou por submissão, adesão livre, alienação ou *fingimento/dissimulação*”¹¹. Os casos em destaque na citação a Rabatel é o que estariam em jogo na #1.

Outra marca de que há empatia nessa estratégia polifônica é a repetição (duas vezes) do marcador discursivo “sim”. Ele tem como efeito interpretante confortar os alocutários e2, como quando um adulto negocia com uma ‘criança birrenta’.

Essa empatia na #1 opera com emoções. Se a comunicadora coloca brevemente em suspenso a refutação, é porque atribui a e2 a emoção da dor (consoante às tópicas em Charaudeau, 2010). Ou seja, L1/E1 empatiza com o *incômodo*, o *orgulho ferido* de e2, devido à *não satisfação* da ivermectina enquanto desejo. Além disso, L1/E1 parece perceber nos interstícios a *confiança* de e2 na ivermectina (esperança). Trata-se de heteroemoções supostas, por meio desse reconhecimento do caráter axiológico e social do objeto em disputa: a ivermectina.

Nesse vlog, uma outra ocorrência (na verdade, um par de micro-ocorrências) de empatia chama a atenção. Ambos os trechos (Amstras 2 e 3) fazem parte ainda da seção *Artigo científico*, mas, nesse momento mais adiantado (4 m 31 s a 5 m 25 s), L1/E1 lança outras provas contra a ivermectina. A #2 (a seguir) insere-se em um trecho de Confirmação contra a eficácia da pressa, tida como argumento, em e2, para a adesão à ivermectina. E, no trecho entre 5 m 4 s a 5 m 25 s (onde se localiza a #3, reproduzida adiante), outra Confirmação é sustentada: a da falta de mais testes que sustentem o reposicionamento da ivermectina. Isso contextualiza os atos locutivos sobre os quais nos concentraremos agora. Como se vê, *Artigo científico* tem como escopo problematizar os precedentes abertos pelo estudo *in vitro*. Passemos às ocorrências.

Quadro 3 – Transcrição do excerto onde se encontra a Amostra 2

	4 m 31 s a 5 m 4 s	continua <i>Artigo científico</i> (bloco 5)
1	É ago:::ra >que a gente precisa ter uma conversa< <u>muito</u> séria (.) sobre algumas	
2	coisas (.).	
3	A primeira delas. Uma situação de emergência como é uma pandemia não é!:::	
4	justificativa pra sair fazendo as coisas na pre::ssa, sem seguir rigor de <u>nada</u> .	
5	É tipo você ter só quinze minutos pra almoçar, e aí cê resolve fazer o <strogonoff [...]	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Freitas (2020).

¹¹ Tradução nossa: “Il faut distinguer ce qui relève d'une posture [de sousénonciation] contrainte ou d'une posture choisie : ainsi, le sousénonciateur peut exprimer un PDV dominé en référence/révérence à une autorité par politesse, respect, admiration, soumission, libre adhésion, aliénation ou feintise, etc.” (Rabatel, 2004, p. 11, acréscimo nosso).

Tanto a #2 quanto a #3 ilustram uma atitude de precaução que se formaliza especificamente na **prosódia** de Laura¹². Essa empatia se observa nas negações polêmicas “não é” de ambas as amostras, justamente na expressão de agravo frente a e2. Com foco nelas, o aspecto prosódico da empatia se comprova nas propriedades prosódicas *tom*, *tessitura* e *ritmo acentual* – categorias que correlaciono aqui com atitude modal (Bodolay, 2009) –, tal como elucidado a seguir.

Em relação ao *tom*, detecto nessa unidade textual uma entonação ascendente (ou *loudness* em variabilidade aumentada¹³), que é uma espécie de subida melódica (Appa, 2005), algo ‘cantado’. Na transcrição da #2, esse parâmetro é simbolizado por “♪”. Ao contrário da entonação descendente, geralmente ligada a afirmações finais, a certezas, esse aumento melódico, quando junto ao prolongamento vocálico – o que também é o caso, como sinaliza o “:::” – é indicativo de polidez, de demonstração de boa vontade por parte do locutor (Appa, 2005). Aliás, o prolongamento vocálico manifesta a segunda categoria prosódica (*ritmo acentual*), uma realização que tende a significar hesitação, cautela (Bodolay, 2009), o que coere à nossa noção de empatia. Appa (2005) utiliza também uma noção de empatia, identificando o fenômeno nessa curvatura melódica (da categoria *tom*) na fala de atendentes de *telemarketing*.

A terceira evidência da cautela para com e2 reside no *pitch* agudo (*tessitura* ampla) que parece acompanhar o segmento textual. O agudo também está ligado à polidez (Bodolay, 2009). Em síntese, o contorno melódico, o prolongamento e o agudo, juntos, na #2, indiciam a empatia de L1/E1, criando uma recusa (um “não é”) mais ‘sensibilizada’ e ‘paciente’. É como se a locutora se colocasse em ‘prontidão’ para explicar, inclinada ao e2/e2.esp. Os mesmos traços prosódicos aplicam-se à #3 (a seguir), apenas excetuando, nela, o fato de o prolongamento vocálico ser menos perceptível.

Quadro 4 – Transcrição do excerto onde se encontra a Amostra 3

10	algo certo ((mão com sinal de certeza)) e comprovado, tava de bucho cheio (.) e feliz,
11	(.) não é?> ((dirigindo-se à Ana Pillow, que gera, por meio de animação, a resposta é))
	5 m 4 s a 5 m 25 s continua Artigo científico (bloco 6)
1	<Não é!> porque a gente tá no meio de uma pandemia que >a gente pode
2	simplesmente sair fazendo as coisas do jeito que a gente bem< entende, nas pressa,
3	que <não vai funcionar>. ((de maneira assertiva nesse trecho enfatizado))
4	E a segunda ((dois com a mão) coisa que a gente tem que conversar é que >sair [...]

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Freitas (2020).

¹² Neste momento da análise, o intuito é mostrar a *prosódia* como indicadora da *empatia*.

¹³ O traço *ascendente*, da grandeza entonação, significa que medida acústica do enunciado, em decibéis, aumenta.

O curioso, em suma, é esse arranjo prosódico justamente no PDV assertivo de Laura, nucleado pela negação polêmica. Aliás, o simples procedimento de heterorreformulação corretiva (*‘não isso, sim aquilo’*), como uma espécie de glosa do que foi precedentemente desenvolvido, na #2 e na #3, é uma forma de L1/E1 ainda – apesar da ‘verdade da ciência’ – *levar em conta* o PDV2. Afinal, a negação traz à superfície o quadro veridictório de e2, que é o argumento da pressa. L1/E1 lê esse PDV, reconhece-o *materialmente* como uma ânsia forte, deixando-o à mostra, mesmo em L1/E1 explorando-o através do desacordo. Ao fim e ao cabo, o PDV2 é, por um lado, empatizado, devido ao prolongamento da explicação, e, por outro, e sobretudo, o PDV é rechaçado, até estigmatizado¹⁴, o que constitui uma relação de força sobre e2. Embora L1/E1 o corrija, há uma empatização para com ele.

Essa configuração do ‘dissenso empático’ nas #2 e #3, em termos de patemização (Charaudeau, 2010), serve para L1/E1 atenuar o conflito que a ciência estaria provocando, por ela rechaçar esperanças dos sujeitos e2. O e2 é prefigurado como esperançoso na ivermectina – o fármaco é o benefício –, convocado, em seguida, a um percurso patêmico-narrativo de retirada da esperança, pois L1/E1 traz a ‘verdade indesejável’ da ciência. Nessa atualização, e2 torna-se vítima-ofendida, pois o actante-objeto externo ciência causa a dor (tópica da dor), uma vez que o primeiro desejo do e2 não é atendido (é reiteradamente não atendido). L1/E1 empatiza com essa dor.

Esse vlog apresenta várias outras ocorrências de argumentação patêmica, mas agora passo a analisar enunciados do vlog do canal do Slow.

4 A questão da vacina, pelo Canal do Slow

O vídeo *O movimento antivacina no Brasil* tem como fim discursivo fazer-crer que as vacinas contra o SARS-CoV-2 são idôneas e fazer-crer que o movimento antivacina é a origem de problemas. O mote desse pronunciamento de Slow (2023) é a reportagem liderada pela jornalista Chloé Pinheiro, em parceria com o Pulitzer Center, que relatava e denunciava o quanto o grupo Médicos Pela Vida – um movimento antivacina no Brasil – difundiu *fake news* sobre as vacinas para covid-19 no Telegram (2020-2022), e praticou *lobby*, no ano de 2021, em conluio com o governo Bolsonaro, obstaculizando, assim, o Programa Nacional de Imunizações (Pinheiro; Rieger; Almeida, 2023), conforme cita Slow (2023).

¹⁴ Isso é observável na concordância nominal em “nas pressa”, na linha 2, sugerindo imputação de maluquice a e2.

No excerto a ser explorado, onde localiza-se a #4, a fala do youtuber consiste na segunda refutação do vídeo: a Confirmação n.º 2¹⁵, que rechaça o argumento de que a celeridade na fabricação das vacinas anticovid significa que elas foram feitas de maneira descuidada, a ponto de alterar a composição genética das pessoas. O esquema argumentativo ‘*rapidez portanto descuido*’ define esse PDV de e2, textualizado por Slow para ser refutado.

Quadro 5 – Transcrição do excerto onde se encontra a Amostra 4

	2 m 43 s a 3 m 18 s	seção O que justifica a velocidade? (bloco 1)
1	((com o número ordinal na tela; braço para cima)) Segundo::!! ((vacinas produzidas	
2	<i>rápido demais?</i> escrito na tela)) ((começam imagens de laboratório na tela)) As vacinas	
3	de covid foram de fato produzidas em tempo recorde, sendo um marco na nossa história,	
4	((volta imagem em Slow)) porém isso não quer dizer que elas tenham sido feitas na	
5	pressa de qualquer maneira. O que justifica essa velocidade é que o mundo inteiro	
6	literalmente ((mãos de cima para baixo; imagem de celas)) PAROU -- <literalmente:::>	
7	-- ((ênfase no close-up)) pra resolver essa treta de uma vez. ((imagens de laboratório))	
8	Tudo quanto é centros de pesquisa colaborando e trocando informações, ((imagens de	
9	dinheiro)) governos liberando RIOS de dinheiro pra financiar teste de pesquisas,	
10	((imagens de laboratório)) agências e fabricantes sempre em contato ali pra tentar	
11	agilizar o máximo possível as análises. ((volta imagem para Slow)) ((imitando um	
12	cidadão desesperado)) Bo:::ra >com isso aí , que tá todo mundo trancafiado em casa	
13	e vidas sendo perdidas na espera da< vacina::!! ((mudança de cena))	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Slow (2023).

Como observável nas linhas 2 a 5, L1/E1, aprovando a asserção de partida (‘a fabricação dos imunizantes foi rápida’), mas recusando a asserção de chegada que e2 inferiria da primeira, faz a réplica, ao enunciar o PDV assertado e polêmico encabeçado pelo “porém”. Esse PDV científico responsivo é administrado por todo o bloco 1 (até o segmento 12), como discordância discordante. É a voz de L1/E1 sobrepondo-se a e2. A propósito, as lentidões prosódicas em algumas expressões (marcas em “< >”) sugerem essa ‘garantia’ da verdade (modalização objetiva) por parte de Slow. Entretanto, o trecho entre os segmentos 12 e 13 (#4) destoa disso.

Em contrapeso à assertividade da ciência (a causa ‘vacinas, sim’), temos uma atitude empática na finalização do bloco 1, abrangendo os segmentos 12 e 13 inteiros a partir da expressão em negrito. Esse enunciado (foco principal, enquanto Amostra 4) serve para atenuar a mensagem de descrédito, de depreciação contra o PDV2 (considerar as vacinas não-seguras) feita no cotexto à esquerda. Isso porque o

¹⁵ A primeira refutação (precedente desta) foi delimitada entre 1 m 58 s e 2 m 42 s, período no qual Slow desconstrói o argumento de que a vacina de RNA (caso de algumas vacinas para covid) altera o DNA do ser humano.

enunciado recupera desejos pretensamente coletivos, no caso, o querer uma solução para a pandemia, recurso por meio do qual L1/E1 mostra entender a angústia de e2 frente ao isolamento social imposto pela pandemia.

Essa estratégia aplica-se igualmente a uma ocorrência das linhas 5 e 6: a expressão do <literalmente::>, acompanhada da figura de celas de prisão no vídeo, que é o tecnografismo empregado na edição no momento dessa fala. A dramaticidade prosódica e o signo do cárcere, junto ao PDV verbalizado, orientam semanticamente para a legitimação da vacina, uma legitimação feita por um nós, um nós que é o “mundo inteiro”, ‘sofredor’, que precisa “resolver essa treta de uma vez”. Esse nós inserido na tópica da dor – recolhido, insatisfeito – grita o “literalmente”, como testemunho das fatalidades que sofre.

Mas, no caso das linhas 12 e 13 (“Bo::ra >com isso aí [...]”), temos que Slow ‘sai de si’ de maneira mais evidente (é uma digressão, inclusive alterando-se o cromatismo na tela). Deveras, a instalação do preto e branco, ao invés do colorido padrão do vídeo, e a direção do olhar de Slow para o lado, não mais para a câmera, instrumentalizam o descentramento. Com isso, Slow representa teatralmente um sujeito do povo que dá *anuência* à rapidez. Essa anuência é o conteúdo predicativo focalizado pelo nós, um nós que está na tópica da dor (“trancafiado em casa”) e nutrindo a esperança (a expectativa pela vacina). Por meio dessa coenunciação, L1/E1 empatiza com a população como um todo, o que inclui os negacionistas.

Essa configuração é patêmica, algo que pode ser explicado pela autoatribuição (a L1/E1) e heteroatribuição (a e2) de emoções. É que dar tanta dramaticidade (o que é uma opção discursiva) ao fato de o mundo estar parado (segmento 5) e trancafiado (segmento 13) supõe as heteroemoções da dor e da esperança; o querer liberdade é a esperança. Concomitantemente, L1/E1 atribui a si a compaixão. Assim, essa ocorrência é um apelo ao *pathos*, como uma estratégia de L1/E1 para fazer os sujeitos e2 aderirem à A2 da ciência: ‘*sim às vacinas; elas são seguras*’. Afinal, com essas atribuições, L1/E1 tenta mostrar que a ciência é *também* compadecida e humanitária.

Outra forma de atenuar o conflito acontece logo depois, na mesma toada da amostra anterior (como a temporalização na Transcrição indica), a respeito da celeridade nas vacinas.

Quadro 6 – Transcrição do excerto onde se encontra a Amostra 5

12	((imitando um cidadão desesperado)) Bo:::ra >com isso aí, que tá todo mundo
13	trancafiado em casa e vidas sendo perdidas na espera da< vacina::!! ((mudança de cena))
	3 m 19 s a 3 m 43 s (bloco 2)
14	O importante é ter em mente que <todo ((infográfico na tela)) protocolo> científico com
15	<todas as etapas> desde os estudos pré-clínicos em laboratório passando pelos clínicos,
16	testando desde alguns voluntários até <milhares>, foram respeitados no objetivo de
17	garantir o máximo de segurança pras <bilhões> de pessoas que seriam vacinadas dali
18	pra frente. ((imagem de Slow; infográfico no canto da tela)) Mano, olha que
19	responsabilidade , cê imagina se iam sair queimando etapas gerando uns X-men por aí
20	desse jeito, porra ((imagem de um gato balançando)) ((mudança de cena)) [...]

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Slow (2023).

Slow responde a essa contestação vacinal, por meio de um enunciado (esse bloco 2, como um todo) no viés da modalização objetiva, como as ênfases (“< >”) e as formas verbais indicam. Tal resposta não é somente uma explicação sobre a segurança das vacinas, mas um prolongamento do dissenso frente ao PDV2. No entanto, de novo como digressão aparece, da linha 18 até a linha 20, uma suavização da recusa do heteroPDV. Eis a #5.

Ao fazer alusão aos X-men¹⁶, em referência à ideia de mutantes, e ao estabelecer descontração e afinidade com e2 (“**mano**, olha que responsabilidade”), o que destoa do restante da elocução no bloco, Slow contrabalança a atmosfera negativa causada pelo PDV de resposta assertivo (*‘não, as vacinas não geram mutantes’*). Contudo, a amostra deve ser compreendida em dois planos, como segue.

Em um primeiro aspecto, no nível do *dictum* desse PDV responsivo, o enunciado é ainda a verdade do PDV1, já que o conteúdo proposicional basilar reforça que *‘não, a ciência não pulará etapas [metodológicas], não gerará mutantes’* (A2 científica, em contraposição à A2 de e2). Isso indica o quanto esse enunciado funciona como reformulação. Um elemento que ratifica esse afiançar da verdade é a modalização interlocutivo-ilocucionária, que inscreve enunciativamente a instância e2 (“mano” e “cê imagina”), demandando algo dela. L1/E1 projeta a sua RE como um desafio¹⁷: solicitar que o interlocutor, e2.esp., valide ou confirme o PDV2 (repense-o). Mas o *modus* (modalização) dessa resposta discordante não se esgota nesse efeito de fechamento. Como segundo aspecto a ser encarado, ainda no *modus*, encontramos

¹⁶ Criados por Stan Lee e Jack Kirby, os X-Men são os protagonistas de uma história em quadrinhos. O conceito central é o de que uma mutação nos genes faz esses personagens adquirirem características singulares, com valor de superpoderes. (Gonçalves, 2008).

¹⁷ Este é um dos atos locutivos do rol de macroatos pragmáticos de interações discordantes (Emediato, 2023b).

a empatia de L1/E1. Trata-se da estesia que acompanha esse ‘dictum básico’ (RE) do não-mutantes, cabendo a nós verificarmos melhor a exploração pragmática, ou, nos termos de Rabatel (2009), o nível da PEC de força ilocutória; isto é, a apreciação valorativa e emotiva.

O ato diretivo de fazer e2.esp. repensar é cingida por esse valor ilocucionário de amenização da autoridade do PDV1. Tal suavização é evidenciada nas gírias ‘amigáveis’: “mano” e “porra”. Elas exprimem uma certa relação de camaradagem para com e2. Assim, a discordância imposta a e2.esp é modulada pela incredulidade humorada (tópica da alegria), um engajamento por emoção. Devido às gírias e à entonação, é como se o enunciado expressasse algo como ‘*poxa, mano*’, ‘*até parece*’, ‘*convenhamos*’, apontando, de maneira leve e irônica, o disparate do interlocutor e2.esp. A incredulidade humorada coere com a tópica da alegria, porque há um contentamento incorporado por L1/E1, devido à satisfação em retificar e2 e devido a uma certa vaidade (promoção identitária de si) do Slow em garantir o PDV1. Ao mesmo tempo, a incredulidade humorada é empática, pois se trata de mascarar o PDV, como previsto na ironia das paráfrases sugeridas acima.

A alegria, nesse caso, é a atitude de confortar, como se L1/E1 estivesse também ‘assoprando a ferida’. O confortar situa-se nos atos de horizontalização, conforme Emediato (2023b, p. 41, acréscimo nosso), para quem esse ato indica a “capacidade empática”, isto é, a “capacidade [do locutor] de assumir, ainda que parcialmente, os pontos de vista do seu oponente em uma atitude heterodialógica”. Essa atitude reconfigura a hierarquização enunciativa. Na #5, a instância e2/e2.esp. não é apenas concebida como ‘ignorante’, sendo alçada a ‘camarada’ no dialogismo.

Com base nesta análise, apresento a seguir um delineamento final desses dados, sistematizado o valor interpretativo deles na DC desses vídeos.

Considerações finais

O objetivo deste artigo era descrever enunciados de dialogismo empático em vídeos que confrontam o negacionismo pandêmico, analisando os sentidos argumentativos de patemização decorrentes. Para essa demonstração, explicitarei os mecanismos, que envolvem emoções auto e heteroatribuídas. Esse funcionamento toca à argumentação, na medida em que podemos apontar, nele, sintomas de uma retorsão (um revide) à tese negacionista, de uma tal maneira que a ciência tenta incutir uma credibilização de si. Melhor dizendo, frente à anterior descredibilização

(por prefiguração e imputação) da enunciação de autoridade, seja ela sobre a vacina ou a ivermectina, há um sintonizar-se com fatores dessa causa descredibilizadora (por empatia), com as asserções de partida, de passagem e de chegada (de e2) sendo *retrabalhadas* no videotexto por L1/E1 (para novas visadas argumentativas). Isso fica mais claro nas amostras, e também no modo como as recapitulo nos parágrafos a seguir.

Busquei mostrar como acontece essa dinâmica empática. Na #1, a divulgadora parece fundir-se ao e2 que deseja a viabilidade da ivermectina. A emoção heteroinferida é a esperança, o que ajudaria a ciência (e L1/E1) a incutir nos oponentes uma imagem de honestidade intelectual, uma autoidentidade positiva via *pathos*. Quanto ao mecanismo em jogo, o que aponte, por exemplo, na #1, foi que é a *prise en compte*, no enunciado contrafactual, que promove a empatia. Já no que se refere às #2 e #3, enfatizando-se a prosódia, notamos também essa busca de L1/E1 em projetar humanidade perante os devotos da ‘pressa’ (que é o argumento nesses dois momentos). Ademais, nesse caso, chamei atenção para o fato de o arranjo prosódico empático estar em um enunciado de discordância discordante, indicando que, ao trabalhar a heterorreformulação, L1/E1 *suporta* o PDV recusado, em uma barganha que não é sempre o caso no *corpus* (Zandonai, 2025). As amostras 2 e 3 dialogam, aliás, com a empatização que investiguei no caso de Atila Iamarino (Zandonai, 2023), cujos traços sutis de prosódia em um enunciado de negação polêmica projetam uma atitude empática.

Quanto a Slow, concentrei-me em uma digressão (#4) e em um enunciado reformulante (#5), ambos empatizantes, e ambos inseridos em blocos textuais que rechaçam a hesitação vacinal. São empatizantes porque atenuam os enunciados norteados pela RE científica. Ora, se o PDV1 desses blocos transmite agravo (tornando injustificáveis as proposições de e2 e, portanto, ameaçando a face de e2), os trechos de empatia atenuam o agravo, como se L1/E1 providenciasse de preservar a face de e2: no caso da #4, preserva-a, ao validar o desejo do e2 em sair do isolamento social; e, na #5, ao validar a esperteza possível de e2. Slow opera não-ruptura, preservando a negociação dóxica (a negociação entre o ‘*sim à vacina*’ e o ‘*não à vacina*’), fazendo valer a dor e a esperança (na #4), e, depois, na #5, a incredulidade humorada (a alegria), esta, como forma de equalizar L1/E1 a e2.

É por esses mecanismos, em suma, que busquei sustentar que a empatia é alicerce de emoções no videotexto, alinhavando emoções, e que essa configuração é uma estratégia argumentativa, por parte dos youtubers, de retorsão frente à

descredibilização, para facilitar a inculcação à visão da ciência. Isso porque, pela organização da fala deles, percebo a firmeza de que perfurarão bolhas, de modo a, então, cultivarem elementos do PDV antiorientado.

Nesse sentido, conecto as visadas patêmicas ao projeto argumentativo mais global, considerando o contrato de comunicação polemizado, pois se trata, curiosamente, de os divulgadores empatizarem **apesar** da autoridade que emana, historicamente, da ciência, e **apesar** do caráter alarmante que a situação suscitava: requerendo algum nível de modalizações objetivas, de enunciações asseverativas frente à crise sanitária. As emoções heteroinferidas, para além de sugerirem que o divulgador sente a alta necessidade de intervir no negacionismo, dados os seus riscos, indicam que ele prefigura o negacionista como *mais ou tão forte* quanto a ciência, tanto que textualmente o e2 embaraça, sim, os enunciados embreados na RE asseverativa. Então, a concessão empática parece fazer valer parâmetros do dialogismo externo, por exemplo: (i) o tempo da pressa, na comunicabilidade da pandemia, o que é desconfortável ao agir comunicativo da ciência, fazendo o discurso dela se enfraquecer, mas favorável ao antifidador (Nascimento Júnior et al., 2020); (iii) o próprio funcionamento plataformizado, onde a ciência está fragilizada, embaraçada frente ao negacionismo (Cesarino, 2021); (ii) e a égide do entretenimento (Massarani; Costa; Brotas, 2020). Com isso, a empatia se impõe como estratégia argumentativa. As emoções da compaixão para com a dor e a incredulidade humorada, apontadas na análise, ligam-se também ao contrato da DC no YouTube, bastando mencionar, em correlação com as duas, o sentimentalismo de convivência e o humor.

Para finalizar, registro que são necessários ainda mais estudos para compreendermos as visadas patêmicas e os cálculos de youtubers científicos que gerem vozes antagônicas em situações de ameaça à ciência e à saúde pública, até porque esta pesquisa se pauta em um pequeníssimo *corpus*. Ainda falta observar em que medida a empatia se faz realmente presente em práticas comunicativas de disputa com discursos tóxicos como o negacionismo, em um plano mais longitudinal, e que cálculos patêmicos parecem se justificar em função da mediação do YouTube (e de outras plataformas) e das sociabilidades com o antifidador. De todo modo, acredito que o percurso feito possa inspirar outras pesquisas na perspectiva rabateliana. Aliás, esse quadro teórico-metodológico pode contribuir para análises argumentativas de experiências de resistência, valendo-se de categorias da Análise

do Discurso de linha enunciativo-pragmática para caracterizar as estratégias de combate em outras conjunturas de contestação a epistemes.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida durante o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Referências

- ALCÂNTARA, V. C. *et al.* Atila, o lançador de alertas: constituição da COVID-19 como problema público no Brasil. **HOLOS**, v. 1, e7830 p. 1-21, 2021.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coord. de Trad. E. L. Piris e M. Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.
- APPA, R. C. **Polidez linguística nas conversações de Telemarketing**. 2005. 104f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AYROLLA, D. O Projeto. **ScienceVlogs Brasil**. Campinas (SP). 1 fev. 2016. Disponível em: <https://abre.ai/l4Vy>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- BAUR, M. La lutte contre la désinformation sur YouTube: étude d’une pratique de vulgarisation scientifique à travers le traitement du film *La révélation des pyramides* par des vidéastes vulgarisateurs. **Communication**, v. 38, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/masG>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BODOLAY, A. N. **Pragmática da entonação**: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no Português. 2009. 300f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- BROTAS, A. M. P.; COSTA, M. C.; MASSARANI, L. Enquadramentos e desinformação sobre vacina contra COVID-19 no Youtube: embaralhamentos entre ciência e negacionismo. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, n. 3, p. 73-100, 2021.
- CARDOSO, T. Pandemia explodiu bolhas e auxiliou na propagação da divulgação científica 2021. In: **Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-RP)**, Ribeirão Preto, 5 maio 2021. Disponível em: <https://short-url.org/1p7ZK>. Acesso em: 1 fev. 2026.
- CESARINO, L. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **ILHA – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 73-96, 2021.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coord. da Trad. A. M. S. Corrêa e I. L. Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (org.). **As emoções no discurso**. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 240-251.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade [recurso eletrônico]. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). **As emoções no discurso**. v. 2. Campinas: Mercado das Letras, 2010. Disponível em: <https://shre.ink/j8Fo>. Acesso em: 12 jan. 2026.

DUARTE, I. M. A crise dos refugiados: sequências narrativas e emoção em crônicas/reportagens ou a narrativa ao serviço da persuasão. **Comunicação e Sociedade**, v. 38, p. 107-122, 2020. Disponível em: <https://abre.ai/matl>. Acesso em: 3 dez. 2024.

EMEDIATO, W. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

EMEDIATO, W. Questão migratória em discursos políticos: empatização e descentramento. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 61, edição Migrações: novas abordagens discursivas, p. 16-33, 2023a. Disponível em: <https://shre.ink/j84U>. Acesso em: 12 jan. 2026.

EMEDIATO, W. Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis: princípios teórico-analíticos e estudos de casos. In: EMEDIATO, W. (org.). **Interações polêmicas e violência verbal em temas sociais sensíveis**. Campinas: Pontes Editores, 2023b, p. 19-80.

FREITAS, L. M. **Ivermectina – o que diz a ciência? – um papo sobre evidência anedótica**. [S. l.], 23 jul. 2020. 1 vídeo (13 min 39 s). Publicado pelo canal Nunca vi 1 cientista. Disponível em: <https://shre.ink/nPTI>. Acesso em: 11 set. 2023.

GONÇALVES, A. R. A Metáfora em X-MEN. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OWajH>. Acesso em: 22 abr. 2024.

JEFFERSON, G. Transcription notation. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (org.). **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. New York: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.

MASSARANI, L. M.; COSTA, M. C. R.; BROTAS, A. M. P. A pandemia de Covid-19 no YouTube: Ciência, entretenimento e negacionismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 19, p. 245-256, 2020. Disponível em: <https://abre.ai/oRID>. Acesso em: 18 out. 2023.

NASCIMENTO JUNIOR, L. et al. Popularização das informações a partir do canal do Youtube do projeto CORONAGIS: O papel da divulgação científica em tempos de pandemia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 3, edição especial, p. 176–183, 2020. Disponível em: <https://abre.ai/oRIA>. Acesso em: 4 fev. 2026.

NASSIF, R. Pesquisadores da UFOP têm artigo sobre Ivermectina publicado no *New England Journal of Medicine*. In: **UFOP Notícias**. Ouro Preto. 13 abr. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/GGVY>. Acesso em: 5 jan. 2026.

PATEL, A. N. *et al.* RETRATADO: Usefulness of Ivermectin in COVID-19 Illness. Department of Bioengineering, University of Utah, Salt Lake City, UT; HCA Research Institute, Florida, 2020a. Disponível em: <https://short-url.org/1p7XO>. Acesso em: 1 fev. 2026.

PATEL, A. N.; DESAI, S. Ivermectin in COVID-19 Related Critical Illness. **Social Science Research Network**, Elsevier [S. l.], abr. 2020b.

PINHEIRO, C.; RIEGER, H.; ALMEIDA, R. Canais de médicos antivacina continuam bombando no Telegram. **Núcleo**, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/l4W4>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Do *pathos* retórico à ‘empatia rabateliana’: argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 51-62, 2017. Disponível em: <https://abre.ai/mauG>. Acesso em: 1 fev. 2026.

RABATEL, A. L’effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques. **Langages** [S. l.], ano 38, n.156, p. 3-17. 2004. Disponível em: <https://abrir.link/KsaYN>. Acesso em: 15 dez. 2025.

RABATEL, A. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander. (org.). **A construção da opinião na mídia**. FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2013a, p. 19-66.

RABATEL, A. Positions, positionnements et postures de l’énonciateur. **Linha d’Água**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 159-183, 2013b. Disponível em: <https://abre.ai/mauL>. Acesso em: 3 jan. 2026.

RABATEL, A. Écrire les émotions en mode empathique. **Semen: Revue de semiolinguistique des textes et discours**, n. 35, p. 65-82, 2013c. Disponível em: <https://shre.ink/j8YN>. Acesso em: 12 jan. 2026.

RABATEL, A. **Homo Narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. Trad. I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, A. P. M. C. **Coronavac e a genealogia do negacionismo vacinal**: uma análise do discurso digital antivacina no Facebook durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil. 2024. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

SLOW, E. **O Movimento antivacina no Brasil!!! – Canal do Slow 143**. [S. l.]. 15 mai. 2023. 1 vídeo (14 min 9 s). Publicado pelo Canal do Slow. Disponível em: <https://shre.ink/nPTz>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SILVA, K. S. de B. **Dispositivos enunciativos construindo a visada argumentativa de advogados de defesa na “sustentação oral” em crimes de homicídios.** 2022. 306 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2022.

VEIGA, E. Pandemia tornou cientistas influenciadores nas redes. In: **Deutsche Welle** (DW) Brasil, Berlim, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://short-url.org/1k2Qk>. Acesso em: 1 fev. 2026.

VELHO, R. M. G. de A. **O papel dos vídeos de ciência na divulgação científica:** o caso do projeto Science Vlogs Brasil. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2019. Disponível em: <https://shre.ink/j8Y7>. Acesso em: 23 jul. 2026.

ZANDONAI, M. F. **Uma busca de credibilização no YouTube:** a gestão de pontos de vista sobre questões da Covid-19 como estratégia argumentativa em vídeos de *débunkage* em divulgação científica. 2025. 332 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2025.

ZANDONAI, M. F. O alerta sobre o coronavírus no YouTube: mobilidade empática e *pathos* na gestão dialógica de pontos de vista em confronto. **Gatilho** (PPGL/UFJF), Juiz de Fora, v. 25, p. 112-141, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/nPDN>. Acesso em: 28 set. 2023.